

7,21,16
I 2,31,16 n.1
A Restauração de Pernambuco.

1.º Quadro.

O Theatre representa o vestibulo que da ingresso a' sala do Concelho, no Palacio de N. S. Paulo; no fundo ha tres portas com reporteiros; seis guardas, com alabardas, estao de sentinella ás portas do fundo. E' noite, e toca o Angelus na Igreja vizinha.

Scena 1.ª

Muito povo, que quer invadir a sala do Concelho, mas que e' repellido pelas sentinellas.

Coro:

Justicia, por Deus, justicia, para o povo americano; de certo não e' escravo o povo brasileiro.

Coriphico:

Si de nos, filhos do sol, nascidos na terra d'ouro. Infelizes, ~~mas~~ filhos do novo mundo. Como o seu descobridor Colombo.

Coro:

Não temos patria, nem rei: somos feras, acocadas pelo caçador impio, que veio do fundo do mar, ha das regiões onde não ha terra, onde não ha sol, e onde se viu a muralha e a miséria.

Choriphico:

Nossos filhos de graxados, são peores que o escravo, que se compra, ou que o bugre que se extermina ha nas florestas, onde a serpente

2
sibila a' onca traicacira. Ah! quanto somos
desgraçadas!

Coro:

Justiça para os desgraçados brasileiros,
justiça, senhores, justiça. Queremos o nosso Deus,
os nossos altares, o culto antigo e sacro de nossos
avós, ou eubá? venha a morte.

Coriphéo e Coriphéa:

Não temo na terra a patria, mas temo
o altar sagrado, teremos no ceo a patria, e com
ella o nosso Deus, e com ella a liberdade por
toda a eternidade.

Coro:

Morreremos, mas vingados. Em vão o
Belga avaro quer queimar-nos como archote de
corrupção; mas nós no seu proprio sangue o
havemos de apagar. Quem se vinga nobre-
mente acha em Deus um protector.

Scena 2.^a

Padre Protubante:

Calai-vos turba idolatra; papistas
ignorantes, que preferem viver no erro de um
pai, e desprezar a luz evangelica, pregada
pelo sublime Lutero.....

Coro:

Maldito seja o herege.

Padre:

Que dizeis miseráveis?!

Coro:

Inferno, maldicão.....



Padre:

Fugi, escravo da Curia Criminosa, que
pecha a luz do ceo com bulas mercenarias, e abre
as portas do inferno com as chaves d'ouro do
luzo e da soberba.

Ouve-se tocar uma campainha na rua, e a voz
dos fideis cantando a Salve Rainha no Oratorio da
Esquina. A este toque, se ajoelha o Coro, e fica
em pé no meio d'elle o Padre, cantando o que se
segue:

Padre:



O elo que ~~liga~~ prende a terra ao ceo e'
a patria com um ro culto, com um ro templo.
Jehovah criou a terra, mas a Hollanda não
creou; a rainha dos mares e' abra do Batavo
immortal; e se em chinas inhospito, no seio
do oceano elle route crear uma patria nobre,
por que ~~—~~ não creara' a mai bella do mundo
n'esta terra americana? A patria do
Batavo audax já não e' no velho mundo,
e' na terra da promissã, que para elle achou
Colombo.

Coro:

Amen, Amen, Amen,

Ouve-se um grande alarido fora, gritos, pancadas,
e pouco depois um grande tropel que robe pela
escada.

Scena 3.^a

Coro:

Tringe as pedras das ruínas o nosso sangue,
o ferro do soldado abri as nossas veias, e a sua
mão barbara suffocou nas nossas gargantas
o canto sagrado de Deus. Rendei-nos o
nosso culto, ou tirai-nos a vida: o martyrio é
a estrada do ceo.

Padre:

Guarda, lançaí fora esta gente tres-
loucada, que perturba os augustos trabalhos
do soberano Conselho.

Coro:

Sem Deus, sem Patria, o mundo é
um limbo escuro, onde rolamos ~~como~~ perdidos
como um condemnado sem baptismo.

Padre: (para dentro)

Senhores, farei calar esta gente te-
meraria, esta raça tenaz e supersticiosa. ?

Scena 4.^a

Nieira e D. Clara Camarã.

D. Clara:

Expulsa dos pes do altar, como filha
do sacrificio, não podes mais existir. A no-
bre face da virgem, que o meu peito ~~é~~ ama-
mento, foi compurcada pela mão do ebro
soldado helga. Vingá-me, espior, ah!
vingá-me d'estes brutos forasteiros.

Nieira, ah! tu me entendes, que em tua alma arde

O amor da Pátria.

Vieira:

Calai-vos, Senhora, por piedade.

D. Clara:

Este sol americano, que confunde a
sombra do herege com a do catholico, a do ty-
rauno com a da retinua, a do invasor com
a do proprietario, a do escravo com a do senho-
r, não hade ser um dia o sol da liberdade?

Ah! Vieira, tu me entendes: no teu peito
pulsua a gloria. Este ceo americano não e'
o ceo da liberdade?

Vieira: (chamando-a a' parte)

Calai-vos por Deo sagrado, ~~Tava~~
~~na me divinia~~ Ainda não e' tempo. Foge
e vai dizer a teu espirito que o espero na
mata negra...

Vieira e D. Clara:

Amanha sera' mais bella, mais
fulgente mais heroica: o seu sol ha de
illuminar o pendao da liberdade, ou a
cova dos Bravilios. A sua raça não
vive escravo, prefere a' vida a liberdade.

O Coro acompanhando o ducto:

Se Lyria quebrou um ferro, quebre
os nosos tambem. Ah! Vieira tu nos en-
tendes, no teu peito pulsua a gloria. Este
ceo americano so respira a liberdade.

Scena 5.^a

Abrem-nos, respeiticos,

Anael, Bas, e Balustrate, membros do Supremo Concelho, e Sigiismundo. Apenas veem Vieira, dirigem-nos p.^o elle respeiticos am.^{os}, e pedem-lhe que apoeque o povo, e elle escusa-se - u. seccamente.

Anael:

Prendei o malvado que aqui ouia conspirar?....

Padre:

Prendei a Vieira, que já não nos é mais suspeito: é elle o amotinado do povo.

Or quando vós p.^o Vieira, e este tira a espada, neste momento D. Clara o cobre como seu corpo.

Vieira:

Manche a terra o sangue vil d'agua se que ousar tocar-me; segue esse sangue o volo do Imperio do Brazil, e aos ceos se levante o tronco da liberdade.

D. Clara:

Este corpo é um baluarte de amor e de heroismo; prefere cahir aos golpes da tua espada estrangeira a viver como uma escrava.

Anael:

Devei a vós respeito, e esse ferro?!

D. Clara, Vieira, e o Coro:

Respeito ao vil mercante, que a mentira traz na boca; respeito ao baixo burzio, que falo.

falsifica o ouro e a prata; respeito ad um
Carpinteiro, mecaânico, mercenário. ' Respeito as
vícios, a fraude, e a estupidéz. Oh! não —
Abafemos a explorã; que a hora não é pro-
pícia; a esperança refocita, e o silencio posto fra-
ga e resentimento.

Amel chega um Nisião e d' d. the a mãe,
afirm como os seus collegos; e por gestos o
supplicã de apianquar o povo. ~~Amel~~

Scena final.

Nisião:

Dono Clara, ie meu estylo. Noa ao
illustre Camerano, que a filha do real, da floren-
ta e do Brazil, ie setta que fende os ares, e' aue
que fiana os rios, e ie o raio que leva a luz
da liberdade e a morte dos tyranos. Tu
espero o teu exorc na florenta; upi o nosso
signal o canto do Boiadeiro. ~~N.~~

Coro:

Os tyranos não tem amidos, nem
olhos, nem coraõs. No templo vemos miul-
tado, nos oratorios epancados, e aviltados, por
toda a parte; a fraude, o latrocinio, o estupro,
o ~~confisco~~ confisco, e a cinica impudencia são
os attributos do Conselho, são a base da ma-
gloria. E' muito já não podemos mais.

D. Clara.

Vai o' filha da florenta, vai junto de
nobre exorc levar a nova de victoria.

Venci Vieira, esta vindo o Belgas. Vai
o' filha ~~amora~~ brasileira, que as troux
te são proprias. Seria mais veloz, que
a setta alada, disparada por um Caiquid;
seria mais veloz que o Corvo dos Campos do
Piauhy, sedei como o raio, que leva a luz
e a morte; seria o nuncio da liberdade.

Fim do N.º Segundo.



2.^a 3.^a e última parte
do plano do libretto da

Restauração de Pernambuco.



2.^o Quadro.



Grande Varanda, na Casa de Campo de João
Fernandes Vieira, d'onde se avista os montes
Guararapes, e o acampamento dos Hollandezes.
Abre-se a scena por um banquete.

Scena 1.^a

Coro:

Luzem nos montes Guararapes as armas dos hereges;
Na barraca de Sigismundo se conspira contra a
nossa liberdade; e a bandeira sanguinaria do
Belga, que fluctua e abumbrá o cumme das
montanhas, amanhã se abaterá sobre o seu
tumulo: o filho do mar estranho não volve
na derrota, nem presente o seu exterminio.

Vieira:

O Belga já perdeu a minha cabeça, e dá' por
ella mais ouro que o peso do meu corpo; mas não
perdeu a minha espada, nem minha alma.

Coro:

A tua espada será' o raio que o hade exterminar,
e a tua alma é' o clarão que nos guia a' liber-
dade.

Vieira:

A causa é' sancta, e a victoria é' certa. Cantemo,
amigos, um hymno a' liberdade da Patria, e
seja este mesmo hymno aquelle que entoaremos
no dia da victoria.

A Epoca de Vieira:

Temo, dois pratherios, e a qui mesmo sei ~~o~~
municos ^{de liberto} Ch. ha, trasei os instrumentos.

Coro:

Bravo, bravo, boa ideia: o nome sagrado de im-
provisio e' apanagio da muther, da muther que
eleva a virtude ao alto grau do heracismo.

Hymno:

A Epoca de Vieira:



Ornavos de eternos palmas,

O' bracia juventude,

O amor da patria vos orna...

Eis a eternas da virtude... (apontando p. o mundo)

Coro:

Seja escravo, muito embora,

Quem nao ama a liberdade,

Ma' nos duanos morrer (echo: morrer)

Por amor da humanidade.

Vieira:

Quando um povo quer ser livre

Nao tem da morte pavor,

Morrendo pela justica,

Acha em Deus um protector.

Coro:

Seja escravo, & &

Scena 2^a

D. Clara Camara (na porta de entrada)

D. Clara:

Não é contra reis armados,
Lue nós vemos pelijar,
Mas contra o herege avaro
Lue intenta nos captivar.

Coro:

Seja escravo, de deo.

D. Clara:

Ranço a espada na bainha,
Tiro no monte o canhão;
Fugi, o escravo, de medo
Da liberdade ao pendão.

(Desenrola a bandeira Brasileira,
que foi dada por D. Manoel)

Coro:

Salve, salve, eterno symbolo
De pureza e sanctidade,
Salve, salve, eterno symbolo
Da brasileira liberdade.

Vicaria: (travando a espada)

O archote da corrupção,
Insano, querem brandir?
Mas nós no seu proprio sangue
O haucemos de extinguir.

Coro:

Morrer é ser livre,
Lue o vil captiveiro
O bom brasileiro
Não pode aturar.

Seja escravo, muito embora,
 Quem não ama a liberdade,
 Mas nós devemos morrer
 Por amor da humanidade.

A Espora de Vieira:
 A espora do herói traição
 Este pendão nos faz ver:
 Juramos todos por elle....
 Juram vencer, ou morrer....

Coro:

Portugal de gratíssima
 Vozes corças entacai,
 Tabe a terra que cobrir-nos
 Hymno grato entocai



Mostrai a netos e filhos
 A campã de herói forte,
 Que jurou pelo seu sangue,
 Sim, Independência ou Morte?

Vieira: p. D. Clara.

C'o teu esporo, o herói sem par?

D. Clara:

Ahi vem com a sua gente dos sertões incultos;
 e virão com elle o immortal Dias, e Vidal
 de Negreiros: as selvas não tem um arco, a en-
 chada não tem um braco, as fazendas não tem
 donos, mas o Brazil tem soldados.

Vieira:

Justo ceo! Triumpfa a America.

O Batauo soberbo, o filho do oceano, irá nova
pátria buscar no fundo dos mares: não deu
Christo a terra da Vera Cruz ao heroge maldito,
que elle vatto ao seu vatto de lado, amecado
pelas ondas, e coberto de tempestades.

(Anunciando tocar os sinos de Lisboa, e as trom-
betas dos Hollandezes.

Coro:

Sea a hora da agonia

Vicinia, D. Clara, e sua Deputada.

Para o Belga emalheado.

Coro:

Sea a hora d'agonia,

A morte as campos abrio,

E si' ellas envolto em sangue

O trecho Belga cahio.

Os tra: N. D. C. e sua Dep.

Sea a hora d'agonia.

Coro:

Sea a hora d'agonia,

A morte as campos abrio,

E si' ellas envolto em sangue

O trecho Belga cahio.

D. Clara: (para Vicinia)

Tomai o pendão Branco,

E correi á liberdade,

Que eu corro para o esposo

A dar-lhe o oculo da saudade.

Vieira:

Vma partida de Holandays vem para aqui.
Ola, trazeis as armas...

D. Clara (no meio com a Bandeira)
Eu tambem quero uma espada.

Coro: (crocando a bandeira, e jirando com
as armas na maõ:

A brasileira gente no campo da honra
~~seu~~ combate sorrindo e morto vencendo.

Ai armas! ai armas. fluctua no campo
As manas de ferro de Belgia. Ai armas,
ai armas...

D. Clara e Vieira

Seremo todos irmãos,

Uma lingua, uma so patria;

Um altar, o mesmo Deus,

E um imperio co' no mundo.

Coro:

Seremo todos irmãos, & &

A brasileira gente

No campo da honra

& &

Fim.

3.º Quadro.

Floreata virgem. Luar.

Scena 1.ª

Nieira e seus soldados.

Coro.

Come tarda a vez sonora do alegre pavaninho,
que ha de vir na rama attiva nos annunciar a
bella aurora. Noa nossa alma nas azas do tempo,
a' hora encontrar da gloria, e conquistar as
palmas da victoria. Preferimos a fome, a sede,
o cansaço e mesmo a morte a' escravidão. Vamos,
vamos combater.

Nieira:

Esperai, que ceder e' vencer; e quem vence o seu ardeor,
quem a si proprio se vence, triumpho de todos os
obstaculos humanos.

(aria) O' minha patria querida, por ti deixei
o que ha de mai caro: esposa, filhos, fazendas, a
paz domestica, e um disconco amoroso. Troquei
meu ouro e poderio ^{por} ~~para~~ sorte aventurar da tua
independencia: troquei todos os bens da terra pelo
theouro da tua liberdade

Coro: (acompnhando a aria)

Preferimos a fome, a sede, o cansaço, e mesmo
a morte, a' escravidão. Vamos, vamos combater,
venha a hora da victoria, a hora da liberdade.

(ouve um clarim ao longe, e todos pegam nas armas.)

Coro:

Si' armas, as armas, que fomos trahidos...

Viciria:

A noite protege o offendido, e sepulta o temerario,
 que ousa invadir o ailo sagrado da liberdade, n'um
 abysmo de incertezas. Se são nossos inimigos,
 os havemos de sepultar a qui mesmo, e com elles
 o traidor.

Uma voz:

Serão nossos amigos?

Coro:

Ainda e' cedo.

Viciria:

Seja quem for, onemso, que o dia não tarda.
 O Christão, auto de combator, eleva a sua voz ao
 Senhor Deus dos exercitos. Dizeilho.

Coro geral:

O tu, cujo poder replaudece em toda a harmonia
 e belliza que fazes reinar em este universo, e que
 ei' mais admiravel ainda, por que sabemos que
 a tua sabedoria tirou de nada tantos prodi-
 gios, fare de cada um de noi' um Sansão, ou
 um David, collocas nas nossas armas a furia
 do raio, e precipita o herege nas agoas de mar,
 como auto' ora aos soldaos de Pharaó, diante
 da arca sancta, e do libertador Moises.....

Scena 2.^a

D. Clara Toca a trombeta, e
 todos se aboçã, e se collocaõ em attitudõ de com-
 bator.....

D. Clara: (com a musica do hymno.)

Não é contra rei armado,

Luz nos vamos combater, julgar

e Nas contra ~~antiga guerra~~, o herói avante,
~~instante~~ ^{instante} ~~nos~~ ^{nos} ~~captivos~~,
Luz ~~avante~~ ^{avante} ~~no~~ ^{no} ~~fronte~~ ^{fronte} ~~erguer~~.

~~Coro:~~

Niceira:



E' ella, a alegria, a mulher divina; e' ella, a heroina, a filha das selvas, que traiz a victoria.

D. Clara (p.^o Niceira)

Tocai as fanfarras, que a gloria vos chama; fazi o signal, que a gente armada espera comente.

Tocad o clarim, e o Coro canta:

E' ella, a alegria, a mulher divina; e' ella a heroina, a filha das selvas, que traiz a victoria. ~~A filha~~ ~~ella~~ ~~e~~ ~~como~~ ~~a~~ ~~avante~~ ~~que~~ ~~foi~~ ~~o~~ ~~esclarec.~~

O clarim continua, e ao longe respondem outros q se vem aproximando ao som do coro que regate o canto por mais duas vezes...

Scena 3.^a

Camarad, Henrique Dias e Vidal de Aguiar.

O B: Os nossos guerreiros não querem descanso, ~~tem~~ ~~dois~~ ~~leitões~~ ~~so~~ ~~tem~~: dormiram co' a morte cobertos de gloria; ou ha no Recife abraçados, co' a victoria.

O Batavo treme nas tendas que acampa, e o povo suspira por nós; cada tronco, cada pedra do terreno trahião, vai levantar um guerreiro, que hade vencer.

D. Clara:

Vma espada para meu filho; senão a minha

bandeira, que eu te usgo, o' caro efpor, e quero comtigo
vencer, ou morrer.

Nesao fim (*) V'cra: (despois de abençoar a l'vra.)

~~Manda-me a de f'p'g'nta, ou quant' non dar
as ultimas ordens.~~

Scena 4.
D. Clara. D. Camarao. D. Vidal de Negreiros.
as Reis.

Entrai os soldados: collocad-se os 3 corpos no fundo em
semi-circulo: o' pinto a esquerda, em seu chefe, os indios
no centro com Camarao, D. Clara com a bandeira, e um filho
ao lado e o' branco e' direita com o' vidal de Negreiros.

D. Clara: Camarao.

Se morrer pinto ao teu lado
Terei la de aco contemplar
As victorias do teu filho
Lue ha um dia noz virgao

Se morrer pinto ao teu lado
Ea victoria naõ ganhar,
Preparar este filho os armos,
Lue ha de um dia noz virgao.

Coro.

Se Batavo derge mais astatuid a maõ de Deus
para salvaros, mas curvão os vossos
nosso filhos um dia noz virgao.

Os 3 Chefes se apropinquão pouco a pouco, can-
tando primicias d' os seus, e degerão uns para os outros

Herique Dia: Camarao. Vidal de Negreiros.

O filho do terra ardente,
Onde o sol tem mais calor,
Tambem sabe ter valor
Lue a gloria em um p'nto pulso,

O filho de plaza algiva,
Onde o sol e' creador,
Não temido morte pavor,
Quanda e' g'brãõ vai mandar



de gloria...
O d'ito do Albuquerque
E' merito no mundo aco,
Das galderi p'nto he' teno,
Quanda caminha e' victoria
De mat' naõ tem pavor.

Meu p'nte se abraya
De um divo furor,
Nos v'os curval
Desse valor
Herico.

Coro.

Reputa o' primicias v'os, agundo os seus
Chefes disserãõ,

Os 3 abraços.

Esforcemos na mesma terra
Sejamos todos irmãos;

Um mesmo Deus adoramos, (*)

A mesma guerra colhamos,
Para expulsa nos seus altars,
Que é elle a victoria nem.

— O coro repete o mesmo.

Secção 1ª

Visão, coro, e bandeiras, que catroza
a D. Clara, e a unite d'elle os 3 chefes
desembaralhados as espadas, cruzas nos rebre a
bandeira e cantas.

D. Clara e Visão:

Sobra este mundo sagrado de vós

Que nos o Brasil, e a terra, e a

Juramos todos, abrigar

de unificação de morar.

Coro: D. Clara e Visão

Visão:

A gloria nos chamam dos montes jurar que

Coro:

A gloria nos chamam dos montes jurar que

Coro:

A gloria nos chamam dos montes jurar que

D. Clara.

Chega o dia de victoria

O dia de liberdade

O dia de independencia

O dia de fraternidade

O coro repete ate ao quinto elle di

mais:

Visão entrega: Me amia espada seguindo,
que ella heya, e da ao fitho, e canta:

D. Clara

O sangue de Curiz (para o filho)
nas veias te ~~le~~ te corre,
E o sangue de Curiz
Se vence, não morre.

Se a pallida morte (p' o esposo.

~~Meu~~ ~~labio~~

Meu seio tocar,

Recete em meus labios

Minha alma, e com ella
Vou a' victoria.

Amor sacrosanto

Divino, celato,

Minha alma reveste

De heroica velle.



Fim

(*) Vieira: (abraça a todos,) rebe-
de Henrique D'as em papel, que depois de o ler,
fica apunhado e como desanimado; mas dispen-
sa o quanto pode, e canta a' parte:

Vieira:

Ja parei o Rubicão!

Entre a infamia e entre a morte
Minha vida já abuda;
Venha a morte, ou a victoria;
Que ao meu rei obedecesse
Para mais obedecel'o.

Amigo, in velle: vou dar as ultimas ordens
que tenho; serei breve, o tempo o urge.

L.^o Lucido.

Sala do Conselho.

Entrão ao som de hymnos marciais, D. Clara abraçada com a Bandeira, Nísia, os tres chefes, e Sigismundo que duce da mesa do Conselho, e entrega as chaves da Cidade e a povo antiga.

D. Clara arranca a bandeira Hollandesa, que estava por cima do espaldar da cadeira da Presidencia, e colloca em seu lugar a bandeira brasileira. Ao atto canta o hymno da Independencia, que foi escripto pelo Sr. D. Pedro 1.^o

D.^a Clara:



Ja podeis filhos da patria
Ser contentes a mai gentis,
Ja saion a liberdade
No horizonte do Brasil.

Coro:

Brava gente brasileira,
Longe va tuvos servir,
Ou ficar a patria livre,
Ou morrer pelo Brasil.

Fim.